

VOLUME I

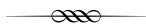




Página 31: 1862, Beaufort, Carolina do Sul, fotografia de Timothy H. Sullivan (1840-1882), *Five generations on Smith's Plantation*. Civil War Photograph Collection, Library of Congress

Acima: 1881, Cleveland, Ohio, W.J. Morgan & Co. Lith. Cartaz da versão teatral de *Uncle Tom's Cabin*, *Eliza atravessando o gelo*. Litografia, 1881. Library of Congress

CAPÍTULO I



ONDE O LEITOR É APRESENTADO A UM EXEMPLO DE HUMANIDADE

NO FIM DE UMA TARDE fria de Fevereiro, dois cavalheiros encontravam-se sentados, cada um com o seu copo de vinho, numa sala de jantar ricamente mobilada, na cidade de P., Kentucky. Não se viam criados, as cadeiras estavam muito próximas uma da outra e os dois homens pareciam discutir um assunto muito importante.

Até ao momento, e por conveniência, mencionámos dois cavalheiros. Um deles, todavia, sujeito a um escrutínio mais detalhado, não aparentaria, em rigor, pertencer a essa categoria. Era um homem baixo, atarracado, de feições vulgares, um tanto grosseiras, que denotavam a arrogância e a pretensão de quem, vindo de baixo, se esforça por subir na vida à custa de derrubar tudo e todos os que se achessem no seu caminho. Vestia um espalhafatoso colete de cores berrantes e exibia ao pescoço um lenço azul salpicado de pintas amarelas, atado num laço ostensivo, que combinava com a sua aparência geral. As mãos, grandes e grosseiras, adornadas com fileiras de anéis, estavam entretidas com um enorme feixe de guizos de várias cores que trazia pendurado no cordão do relógio de ouro e que fazia tinir com evidente satisfação, à medida que o ardor da conversa progredia. A sua retórica desafiava claramente as leis da *Gramática* de Murray¹ e era a tal ponto enfeitada de expressões profanas, que nem mesmo o nosso intento de uma descrição fidedigna nos deve induzir a transcrevê-la.

O seu interlocutor, o senhor Shelby, esse sim, tinha a aparência

¹ *English Grammar* (1795), por Lindley Murray (1745-1826), a mais alta autoridade em gramática. (Nota da Autora.)

de um cavalheiro; e o arranjo da casa, arrumada com ordem e limpeza, denotava uma vida desafogada, dir-se-ia até mesmo opulenta. Os dois homens, como já foi dito, encontravam-se a meio de uma conversa séria.

— Gostaria que considerasse o negócio arrumado desta forma — disse o senhor Shelby.

— Pela minha parte, não posso negociar assim; de maneira nenhuma, senhor Shelby — contrariou o outro, enquanto levantava o copo de vinho e olhava, através dele, para a luz do candeeiro.

— A verdade, Haley, é que o Tom é uma criatura fora de série e vale bem essa quantia. Um homem firme, honesto, capaz, que cuida de todas as minhas propriedades com a precisão de um relógio.

— Honesto, quer dizer, até onde um preto pode ser honesto — ripostou Haley, servindo-se de um copo de *brandy*.

— Não; honesto é a palavra; o Tom é um indivíduo estável, de bom carácter, sensato e piedoso, até mesmo devoto. Converteu-se há quatro anos, numa cerimónia religiosa, e acredito piamente que se tornou um verdadeiro cristão. Desde então, tenho-lhe confiado tudo o que tenho: dinheiro, a casa, os cavalos; deixo-o andar à vontade e sempre me retribuiu com honestidade e rectidão.

— Muita gente não acredita em pretos devotos, senhor Shelby — disse Haley, esboçando com a mão um gesto de candura —, mas eu acredito. Tive um espécime, agora no último lote deste ano que transporte para Orleães; ouvir o bicho rezar era quase como ir à missa. Muito manso e pacato. Deu-me um bom lucro, já que o comprei barato a um tipo que estava em liquidação: fiz seiscentos dólares, de uma assentada! Sim, acho a religião uma mais-valia num preto, mas só quando se trata de artigo genuíno, sem defeito.

— Mais genuíno do que o Tom não se encontra — retorquiu o outro. — No Outono deixei-o ir a Cincinnati sozinho tratar de negócios, com a incumbência de me trazer quinhentos dólares. «Tom», disse-lhe, «sei que és um bom cristão, por isso confio em ti. Nunca me trairias.» O Tom voltou, claro; eu sabia que ele o faria. Vim a saber que uns tipos sem carácter ainda o desafiaram: «Tom, porque não foges para o Canadá?»; «Não posso, o meu senhor confia em mim.» Não imagina como lamento ter de me separar do Tom, Haley. Você devia aceitá-lo pelo valor total da dívida. É o que fará, se tiver alguma consciência.

— Bom, quanto a consciências, a minha é igual à de qualquer homem de negócios: apenas a suficiente para que possamos jurar por ela — zombou o traficante. — E olhe que estou sempre pronto a fazer o que for preciso para obsequiar os amigos; mas o que me pede é um pouco demais, compreende? Um tanto difícil... — o traficante suspirou, fixando o vazio, enquanto se servia de mais *brandy*.

— Qual é a sua proposta, então, Haley? — perguntou o senhor Shelby, depois de um silêncio desconfortável.

— Bem, por acaso não tem outra peça, um rapaz ou rapariga, que pudesse juntar ao Tom?

— Hum! Nenhum que possa dispensar. Vou falar-lhe com toda a franqueza, é apenas a mais dura necessidade que me obriga a tomar uma decisão destas. Não me agrada nem um pouco a ideia de me desfazer de qualquer um deles, pode ter a certeza.

Nesse momento a porta abriu-se e entrou na sala um menino mestiço, de uns quatro ou cinco anos de idade. Havia algo de invulgarmente belo e cativante na sua aparência. Os cabelos negros, finos como fios de seda, emolduravam-lhe de caracóis lustrosos a cara redonda, com um par de covinhas, enquanto os olhos grandes, escuros, cheios de fogo e doçura, brilhavam por entre longas e espessas pestanas, espreitando para a sala com curiosidade. Vestia uma alegre túnica de xadrez amarelo e escarlata, de bom corte, que lhe assentava na perfeição, realçando o encanto e a beleza da sua tez morena; enquanto um certo ar de cómica segurança, misturado com algum embaraço, denotava que a criança estaria acostumada à atenção e até ao carinho do seu senhor.

— Olá, Jim Crow²! — exclamou o senhor Shelby e depois, assobiando, arremessou um punhado de passas de uva na direcção do garoto. — Agarra, anda!

A criança precipitou-se, com toda a força dos seus poucos anos, atrás da recompensa, enquanto o senhor Shelby ria.

— Anda cá, Jim Crow — chamou. O garoto levantou-se e o senhor afagou-lhe os caracóis e agarrou-lhe o queixo de forma carinhosa. — Anda, mostra a este senhor como sabes dançar e cantar tão bem.

O rapaz começou a cantar, numa voz clara e harmoniosa, uma dessas canções primitivas, estranhamente exóticas, muito comuns entre os negros, acompanhando o canto com movimentos cómicos das mãos, dos pés e de todo o corpo, em perfeita sintonia com a música.

— Bravo! — aplaudiu Haley, atirando-lhe um quarto de laranja.

— Agora, faz como o velho tio Cudjoe, quando está com o reumatismo — ordenou o senhor Shelby.

No mesmo instante, os membros flexíveis da criança assumi-

² A origem deste termo tem sido atribuída a *Jump, Jim Crow*, uma caricatura sobre os negros cantada e dançada pelo actor branco Thomas D. Rice, que actuava com a cara pintada de preto, encenada pela primeira vez em 1832 e usada como sátira às políticas demagógicas de Andrew Jackson. Graças à fama de Rice, *Jim Crow* tornou-se, por volta de 1838, um termo pejorativo para designar os negros. Posteriormente, em fins do século XIX, as leis de segregação racial contra os negros ficaram conhecidas como *Jim Crow Laws*. (Nota da Tradutora, retirada da edição anotada de *Uncle Tom's Cabin*, por Henry Louis Gates Jr. e Hollis Robbins, W. W. Norton & Company, 2007.)

ram uma postura deformada e estropiada, ao mesmo tempo que as costas se arqueavam e, pegando na bengala do senhor, o rapaz pôs-se a coxear de um lado para o outro da sala, contraindo a sua expressão infantil num esgar doloroso, imitando um velho.

Os dois homens riam à gargalhada.

— Agora, Jim — disse o senhor Shelby —, mostra-nos como faz o velho Elder Robbins quando canta na igreja.

O menino aflou a carita redonda e começou a entoar a melodia de um cântico religioso num tom nasalado, com imperturbável gravidade.

— Hurra! Bravo! Que espertalhão! — exultou Haley. — Este rapaz é um portento, acredite. Ouça — continuou, dando uma palmadinha súbita no ombro do senhor Shelby —, mande o rapaz também e eu fecho o negócio de vez. Vá, não diga que não é uma boa maneira de resolver a tal questão da consciência!

Nesse momento a porta abriu-se com suavidade e uma jovem mestiça, aparentando uns vinte e cinco anos, entrou na sala. Bastaria olhar para ela ao lado da criança para a identificar como sua mãe. Os mesmos olhos escuros, redondos, magníficos, de longas pestanas; as mesmas ondas sedosas de cabelo preto. A pele morena do seu rosto adquiriu um rubor perceptível, que aumentou ao aperceber-se do olhar embasbacado e atrevido que o desconhecido lhe lançava, onde se podia ler uma indisfarçável admiração. O bom corte do vestido sublinhava-lhe a figura graciosa; mãos delicadas e tornozelos e pés finos eram características que não passariam despercebidas ao olhar treinado do traficante, mais do que acostumado a identificar rapidamente uma peça feminina de alta categoria.

— Então, Eliza? — perguntou o senhor Shelby, ao vê-la parada, olhando-o com hesitação.

— Estava à procura do Harry, senhor, se me permite — e o menino correu para ela, mostrando-lhe as pequenas recompensas que arrecadara na dobra da túnica.

— Podes levá-lo, então — disse o senhor Shelby, e a rapariga saiu rapidamente, levando o filho ao colo.

— Por Júpiter! — exclamou o mercador, virando-se para o outro com admiração. — Aí está uma peça de qualidade! Com uma assim, você faz uma fortuna em Orleães! Já vi pagar para cima de mil dólares por muitas que não tinham nem metade da beleza desta!

— Não pretendo fazer fortuna à custa dela — replicou secamente o senhor Shelby. E, como se quisesse mudar de assunto, abriu uma garrafa de vinho, serviu ambos os copos e pediu a opinião do seu interlocutor sobre a bebida.

— Ótimo, senhor Shelby; belíssima colheita! — disse o tra-

ficante e acrescentou, dando uma palmadinha familiar no ombro do outro. — Diga lá, ande, o que posso fazer para o convencer acerca da rapariga? Quanto quer por ela?

— Ela não está à venda, senhor Haley — respondeu o senhor Shelby. — A minha mulher não abriria mão dela, nem pelo seu peso em ouro.

— Ah, ah! As mulheres falam assim porque não sabem o valor do dinheiro. Mostre-lhe quantos relógios, plumas e bugigangas valem o peso de alguém em ouro e verá como ela muda logo de ideia.

— Não falemos mais sobre este assunto, Haley. A minha resposta é não; nada a fazer — disse o senhor Shelby, de forma resoluta.

— Bom, nesse caso deixe-me levar o miúdo — insistiu o traficante. — Você é que despertou o meu interesse por ele.

— Mas para que diabo quer você o garoto? — perguntou Shelby.

— Sabe, tenho um amigo que vai começar este ano neste ramo de negócio, e quer comprar rapazes, miúdos, assim em boa forma, vistosos, para os criar e vender. Só peças únicas, de excepção, para servirem como criados e assim, aos ricos, àqueles que podem pagá-los assim bonitos, vistosos. Faz a diferença nos melhores lugares: um rapaz jeitoso para abrir a porta, servir e cuidar da casa. Valem uma boa quantia; e este diabrete é um caso raro, tão cómico e engraçado. É a peça perfeita!

— Eu preferia não o vender — disse o senhor Shelby, pensativo. — A verdade, meu caro, é que sou um homem sensível e detesto a ideia de tirar a criança à mãe.

— Ah, é isso? Sim, é natural. Compreendo perfeitamente. Lidar com mulheres pode ser difícil, eu não gosto especialmente dos gritos e dos guinchos. É *extremamente* desagradável. Por isso costumo evitá-las, como mercadoria, o senhor entende? Agora, se você lhe desse um dia de folga, ou uma semana ou assim, aí a coisa podia ser feita com calma, sem gritos, está a ver?; quando ela voltasse, já estava o caso arrumado. A sua mulher depois podia tratar de acalmá-la, oferecer-lhe uns brincos, ou um vestido novo, algo assim para a compensar.

— Receio que não haja recompensa possível.

— Por Deus, não diga isso! Estes bichos não são como nós, brancos; aguentam muito mais, aguentam qualquer coisa e superam rapidamente. A bem da verdade, há quem diga — continuou Haley, adoptando um ar ingénuo e um tom confidencial — que este tipo de mercadoria não tem sentimentos, mas eu não me parece que seja isso. Sabe, nunca fui capaz de fazer certas coisas que já vi outros fazerem sem qualquer hesitação. Crianças arrancadas aos braços da mãe e vendidas logo a seguir, e a mãe enlouquecida, uns gritos que o senhor nem imagina; é um sistema muito mau, até porque danifica o material; a

maior parte das vezes já não serve para mais nada, aquela peça. Uma vez assisti a uma cena dessas com uma rapariga muito bonita, em Orleães, que se desfez em cacos. O tipo que a comprou não lhe quis o bebé; ela era daquelas bravas, nada a detinha quando lhe dava uma fúria. Apertou o bebé nos braços, barafustou, berrou, esperneou, foi horrível de se ver. Até me arrepio só de me lembrar. Depois de levarem a criança tiveram de a encarcerar; enlouqueceu e numa semana estava morta. Um desperdício, senhor, mil dólares; uma completa falta de tacto para o negócio, é o que é. É por isso que eu acho, pela *minha* experiência, que é sempre melhor tratá-los com alguma humanidade.

Dito isto, o traficante recostou-se na cadeira e cruzou os braços, com um ar de virtuosa determinação, como se se considerasse um segundo Wilberforce³. O assunto parecia entusiasamá-lo profundamente, pelo que, enquanto o senhor Shelby, pensativo, descascava uma laranja, voltou à carga, com uma humildade afectada, mas também como alguém consciente da força da própria verdade:

— Não me fica bem estar aqui a vangloriar-me e também não sou pessoa para isso; o que vou dizer, só o digo por ser a mais pura das verdades. Toda a gente me conhece pela melhor oferta no mercado; tenho os melhores rebanhos de pretos que já se viram por aí; bom, pelo menos é o que tenho ouvido, e olhe que não foi uma nem duas, mas umas cem vezes. É certo e sabido: sou, entre todos, o que mais lucra com este negócio. E cá para mim, tem tudo a ver com o manejo da coisa... A humanidade no trato, senhor, é o pilar do meu sucesso.

O senhor Shelby não soube o que dizer, de modo que se limitou a assentir:

— Com certeza que sim!

— Há muito quem se ria de mim e das minhas ideias, já ouvi muita coisa. Não são ideias muito comuns, ninguém as segue; mas eu, senhor, sigo-as à letra, e não me tenho saído nada mal, não senhor; é verdade, têm-me rendido muito, até posso dizer que pagaram a passagem — e o homem riu-se da sua própria piada.

Havia algo de tão grotesco e primitivo nestas elucubrações acerca da humanidade que o senhor Shelby não conseguiu evitar uma gargalhada. Talvez também tu te rias, querido leitor; mas saberás certamente que a humanidade se apresenta hoje nas mais estranhas e variadas formas e que não há limites para as coisas bizarras que os seres humanos são capazes de fazer e dizer.

A gargalhada do senhor Shelby encorajou o outro a prosseguir:

— É estranho, sabe, mas eu nunca consegui meter essas ideias

³ William Wilberforce (1759-1833), político britânico, líder do movimento abolicionista do tráfico negreiro. (*N. da T.*)

na cabeça de ninguém. Veja o exemplo do meu velho amigo Tom Loker. Trabalhámos juntos, ali para os lados de Natchez. Um tipo esperto, o Tom, mas o demónio em pessoa com os pretos, só por princípio, está a ver, porque mais generoso do que ele não há; era o *sistema* dele, senhor. Eu sempre lhe disse: «Tom, qual é o interesse de rebentar as raparigas à pancada quando elas se exaltam e se põem aos gritos? É absurdo, e não faz bem a ninguém, nem a ti nem a elas. Eu não vejo mal nenhum em que elas gritem, deixa-as berrar à vontade, é da natureza delas, e a natureza encontra sempre por onde escapar, se não for por um lado é por outro. Além disso, Tom», dizia-lhe, «isso estraga-as, ficam doentes, infelizes, com aspecto miserável, podem tornar-se feias, repelentes, principalmente as mais claras, e depois é uma carga de trabalhos para as domar. Porque não levá-las com palavras razoáveis? Ouve o que te digo, Tom, um pingo de humanidade, aqui e ali, levava-te muito mais longe do que todas as sovas que lhes dás.» Mas o Tom nunca entendeu isso, e causou-me tanto estrago na mercadoria que tive de o mandar embora. Uma pena, era um bom tipo, e um trabalhador honesto.

— E você acha a sua forma de gerir o negócio, sem dúvida, melhor do que a do seu amigo Tom? — perguntou o senhor Shelby.

— Sim, posso dizê-lo. Faço sempre o que posso; veja, por exemplo, o cuidado que tenho com essas coisas desagradáveis, como vender os mais pequenitos: arranjar maneira de o fazer nas costas das mães, sem que elas se apercebam; longe da vista, longe do coração, não é o que dizem? E quando está feito já não há remédio e elas acabam por se acostumar, naturalmente. Não é a mesma coisa, entenda, quando se trata de pessoas como nós, brancos, que somos educados na expectativa de manter os nossos filhos e esposas, e tudo isso. Um preto que se tenha tornado uma boa peça não traz expectativas nenhuma acerca de nada, por isso é muito mais fácil para ele lidar com este tipo de coisas.

— Nesse caso, receio que os meus não tenham sido criados como deve ser — disse o senhor Shelby.

— Suponho que não; o pessoal aqui no Kentucky estraga os pretos com mimos. E sei que o fazem com boa intenção, mas isso acaba por ser pior para eles, acredite. Veja, um preto que anda aos tombos por esse mundo fora, a levar pontapés daqui e dali, e é vendido a este e àquele e sabe-se lá mais quem, não é mesmo nada bom que se lhe dê esperança nem noção de outro tipo de existência; criá-lo e tratá-lo bem só vai ser pior, porque vai ser muito mais difícil para ele lidar depois com a dureza da vida. Atrevo-me a dizer, senhor, que estes seus pretos aqui de casa se sentiriam miseráveis num mesmo lugar onde os outros, os que andam nas plantações, se sentiriam nas suas sete quintas. Sabe, senhor Shelby, todo o homem tem as suas próprias atitudes em alta consideração e eu penso que trato os pretos na medida justa.

— É uma coisa boa, a satisfação — disse o senhor Shelby, com um ligeiro encolher de ombros e uma expressão de manifesta discórdia.

— Então — disse Haley, depois de um curto silêncio, em que ambos pareciam ter arrumado as ideias —, o que me diz?

— Vou pensar no assunto e consultar a minha mulher — respondeu o senhor Shelby. — Enquanto isso, Haley, e se realmente está interessado em resolver esta questão da forma discreta que referiu, aconselho-o a não falar do nosso acordo nas redondezas. Se isso acontecer, os meus homens ficarão a saber e asseguro-lhe que não será nada fácil acalmá-los.

— Oh, por amor de Deus, pode ficar descansado! Nunca faria uma coisa dessas. Mas deixe que lhe diga, estou com uma pressa dos diabos e preciso mesmo de saber, o mais cedo possível, com o que posso contar — retorquiu, enquanto se levantava e vestia o casaco.

— Muito bem, apareça esta noite, entre as seis e as sete; nessa altura já terei uma resposta — disse o senhor Shelby, e o traficante retirou-se, depois de se despedir com uma vénia.

«Gostava de poder empurrar este tipo escada abaixo», cogitou o cavalheiro, assim que viu a porta fechar-se, «mais à sua descarada presunção; ele, todavia, sabe muito bem que me tem na mão. Se alguma vez me tivessem dito que um dia seria forçado a vender o Tom a um destes traficantes rascas do sul, eu teria respondido: “Este servo, por acaso, é algum cão, para ser vendido?” Mas agora encontro-me sem alternativa; a verdade é que não vislumbro outra saída. E o filho da Eliza, também! Sei que vou ter uma valente discussão com a minha mulher acerca disso, e também por causa do Tom. E tudo isto por causa das dívidas — malditas dívidas! O tipo sabe que me tem na mão e aproveita-se disso.»

Talvez o mais suave dos sistemas de escravidão seja o do Kentucky. O predomínio de actividades agrícolas de natureza lenta e gradual, sem as colheitas sazonais próprias dos distritos mais a sul, que exigem períodos de urgência e pressão, torna a tarefa do negro mais sadia e moderada; enquanto o seu senhor, satisfeito com um estilo de vida mais lento, escapa à tentação da crueldade que sempre atinge a frágil natureza humana quando a perspectiva de um lucro fácil e imediato surge na balança, tendo como único contrapeso os interesses dos desamparados e desprotegidos.

Quem quer que visite algumas propriedades e testemunhe a amável indulgência de muitos dos senhores e senhoras, e a afeição e lealdade dos seus escravos, poderá ser tentado a imaginar estar na presença da tão mítica e lendária instituição do patriarcado, no seu estado mais puro; mas sobre essa cena ergue-se uma sombra portentosa — a

sombra da *lei*. Enquanto a lei considerar todos estes seres humanos, feitos da mesma carne e do mesmo sangue, como meras coisas pertencentes a um senhor, e enquanto o fracasso, o infortúnio, a imprudência ou a morte do mais generoso dos senhores puder condená-los, de um dia para o outro, a uma vida de desesperada miséria e labuta — enquanto assim for, será impossível vislumbrar o que quer que seja de belo ou desejável na escravidão, por muito que obedeça a todas as leis e regulamentos.

O senhor Shelby podia considerar-se um homem justo, amável e de bom coração, benevolente por natureza no trato com os outros, e nunca, até à data, faltara nada que pudesse contribuir para o conforto físico dos negros nas suas propriedades. No entanto, dedicara-se a investimentos especulativos e estava completamente enredado em dívidas, uma das quais, representando uma soma considerável, a favor de Haley; esta pequena informação fornece-nos a chave para a conversa precedente.

O que não poderíamos supor é que, ao aproximar-se da porta, Eliza tinha ouvido o suficiente para perceber que um traficante estava a fazer ofertas para comprar escravos ao seu senhor. Gostaria de ter ficado atrás da porta a ouvir o resto da conversa; porém, a senhora chamara-a nesse preciso momento, obrigando-a a afastar-se. Quase podia jurar que ouvira o traficante propor a compra do seu menino — estaria enganada? O seu coração latejava de angústia e, sem se aperceber, apertava o filho nos braços com tal aflição que a criança voltou para ela um olhar atónito.

— Eliza, filha, o que se passa contigo? — inquiriu a senhora Shelby, depois de Eliza ter entornado o jarro do lavatório, derrubado a mesinha onde se alinhavam as barras de sabão e passado para as suas mãos uma camisa de dormir em vez do vestido de seda que ela lhe pedira.

— Oh, senhora! — começou Eliza, erguendo os olhos. Em seguida desfez-se em lágrimas e sentou-se, soluçando, numa cadeira.

— Eliza, querida, o que tens? — voltou a perguntar a senhora.

— Ai, senhora, senhora — disse Eliza —, o senhor está na sala a falar com um traficante. Eu ouvi-o.

— E que tem isso, minha tonta?

— Oh, senhora, acha que o senhor vai vender o meu Harry? — e a pobre criatura tornou a soluçar convulsivamente.

— Vender o Harry? Claro que não, tontinha! Sabes muito bem que o teu senhor nunca entra em negócios com esses traficantes do sul, e nunca vende os seus servos, desde que se portem bem. E quem achas tu que ia querer comprar o teu Harry? Pensas que toda a gente está de olho nele como tu, mãe-galinha? Vá, levanta-te e limpa essas lágrimas;

prepara-me o vestido. Pronto, vá, faz-me aquela trança que te ensinei no outro dia, aquela que fica linda aqui atrás, e vê se páras de escutar atrás das portas.

— Mas, senhora, diga-me, a senhora nunca consentiria... pois não?

— Que disparate, menina! Claro que não! Porque perguntas? Sabes muito bem que seria como se quisessem vender um dos meus filhos. Com franqueza, Eliza, estás a ficar um bocadinho vaidosa demais com esse menino. Já ninguém pode entrar cá em casa, que tu achas logo que vêm para o comprar.

Tranquilizada com o tom de confiança da sua senhora, Eliza continuou com a preparação da *toilette*, tarefa que executava com perfeição e habilidade, rindo-se dos seus próprios temores.

A senhora Shelby era uma mulher superior, moral e intelectualmente. À generosidade e nobreza de alma que habitualmente caracterizam as mulheres do Kentucky, acrescentava uma elevada sensibilidade e princípios morais e religiosos que transformava, com admirável vigor e habilidade, em resultados práticos. O marido, que não professava qualquer tipo de fé religiosa, encarava a consistência das convicções da esposa com reverência e respeito, e até com admiração. O certo é que sempre lhe dera inteira liberdade para que desenvolvesse os seus benévolos esforços em prol do conforto, instrução e progresso dos seus servos, sem, no entanto, tomar parte neles. De facto, embora não fosse exactamente um crente na doutrina da eficiência dos extraordinários serviços dos santos, parecia, de qualquer modo, acreditar que a piedade e a benevolência da mulher seriam suficientes para os dois — como se alimentasse uma ténue esperança de chegar ao céu através da superabundância de qualidades dela, às quais não tinha a menor pretensão.

O que mais lhe pesava na consciência, depois da conversa com o traficante, era a necessidade de comunicar à mulher o acordo contemplado e, conseqüentemente, enfrentar a resistência e a oposição que tinha como certas.

A senhora Shelby, por seu lado, desconhecendo por completo os imbróglis financeiros com que o marido se debatia, e estando apenas ciente do seu carácter justo e bondoso, havia sido inteiramente sincera na incredulidade com que reagira às suspeitas de Eliza. Afastara o assunto do seu espírito sem qualquer hesitação e, mergulhada nos preparativos para uma visita a fazer nessa noite, acabou por esquecê-lo por completo.